

# A ESTRUTURA PATÊMICA DA PAIXÃO DA VERGONHA

Edvanda Bonavina da ROSA\*

O ponto de partida para nossa reflexão é o texto de Iuri Lótman, “Semiótica dos conceitos de vergonha e medo” (1981, p. 237-40), em que ele aborda tais paixões como coercitivas, usadas socialmente com a finalidade de induzir a comportamentos desejáveis para o grupo. Para falar em vergonha é preciso abordar um outro aspecto a ela relacionado, a questão da honra.

Segundo Julian Pitt-Rivers (1986, p. 503-11), a honra pode ser entendida como um sentimento, a manifestação desse sentimento na conduta e a avaliação dessa conduta por outros. Nosso enfoque não está relacionado com o sentimento de honra, mas relaciona-se com sua negação e sua consequência, o sentimento de vergonha.

Partimos de definições do *Dicionário Petit Robert* e baseando-nos na Teoria Semiótica Greimasiana procuramos elaborar uma estrutura patêmica apta a dar conta dos efeitos de sentido de vergonha criados pelos textos literários.

## I - A VERGONHA: PRIMEIRA ABORDAGEM

Abordaremos primeiramente a definição do *P. Robert* que considera a vergonha como um “sentimento penoso de inferioridade, de indignidade ou de humilhação diante de outrem, de rebaixamento na opinião dos outros (sentimento de desonra)”.

---

\* Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

Essa definição pode ser decomposta em seus elementos constituintes, facilitando sua análise. Assim, isolariamos os seguintes componentes:

- sentimento penoso
- inferioridade, indignidade, humilhação (rebaixamento)
- diante de outrem / na opinião dos outros

A classificação de vergonha como um sentimento nos remete ao estudo das paixões, segundo o modelo da teoria semiótica greimasiana, levando-nos a ter em mente questões referentes à narratividade, que dizem respeito aos estados do sujeito e a suas modalizações. Não pretendemos nos deter nesse aspecto, que abrange os diversos estudos feitos por diversos autores na área da teoria greimasiana. Quanto ao fato de constituir-se num sentimento penoso, será abordado posteriormente, ao analisarmos a patemização do sujeito apaixonado.

Outro elemento que se destaca na constituição dessa definição é a presença do outro para o surgimento da paixão da vergonha. Por isso, será abordada oportunamente a questão da intersubjetividade.

Por fim, o aspecto fundamental para a vergonha é a percepção que o sujeito tem de sua inferioridade, indignidade e humilhação, que serão enfocadas em correlação com a elaboração dos simulacros.

## **2 - OS SIMULACROS ELABORADOS NA PAIXÃO DA VERGONHA**

Greimas, em *De la colère*, aborda pela primeira vez a questão da elaboração de simulacros, considerando-a um importante elemento das paixões:

*Il s'agit en fait de la construction des simulacres, de ces objets imaginaires que le sujet projette hors de lui et qui, bien que n'ayant aucun fondement intersubjectif, déterminent néanmoins, de manière efficace, le comportement intersubjectif en tant que tel. (1981, p. 13)*

Nesse texto, trata-se do estabelecimento de uma relação entre o sujeito e o simulacro construído, baseada no /crer/, que determina uma relação fiduciária entre  $S_1$  e o simulacro de  $S_2$ .

Em *Sémiotique des Passions* (1991, p. 59), Greimas diz que há dois modos de existência do sujeito: um é o modo de existência “real”, que representa o modo de existência do actante narrativo, no decorrer das transformações. Tem-se, assim, o sujeito virtualizado, o sujeito atualizado, o sujeito realizado e também o sujeito potencializado, conforme as novas elaborações metodológicas. O outro modo de existência é o modo “imaginário”, constituído por meio dos simulacros existenciais. O simulacro existencial é um estado em que o sujeito se representa a si mesmo, projetando-se num modo de existência que não corresponde ao modo de existência “real”, mas a um modo de existência que ele imagina.

A elaboração do simulacro só é possível graças às cargas modais suscetíveis de serem atribuídas ao sujeito, no nível sêmio-narrativo. Afirma Greimas:

*L'examen des simulacres existentiels modaux nous conduit donc à accorder un rôle fondamental aux charges modales dans la constitution des imaginaires passionnels: en s'immisçant entre l'énoncé narratif et son effectuation dans le discours, la charge modal ouvre un espace sémiotique imaginaire où le discours passionnel peut se déployer. (1991, p. 59)*

Para poder analisar os simulacros elaborados na paixão da vergonha, precisamos recorrer a outros elementos fornecidos pela definição da vergonha, referentes à inferioridade, indignidade e humilhação do sujeito.

A vergonha é um sentimento a respeito de si mesmo, ou, em último caso, diz respeito a pessoas que têm laço estreito com o sujeito, a ponto de íntima identificação entre ambos. Como sentimento que diz respeito ao próprio sujeito, pode ser classificada como *self-feeling*, sentimento que se volta para o eu.

Nesse sentimento auto-centrado, ao voltar-se sobre si mesmo, o sujeito toma-se como objeto de observação e avalia seu próprio eu. Essa auto-avaliação só é possível graças ao processo de elaboração de simulacros, por meio do qual o sujeito se desdobra em várias “imagens”, acerca das quais emite sua opinião.

Na paixão da vergonha, o primeiro simulacro elaborado representa um sujeito-operador em conformidade com os valores aceitos pelo grupo do qual ele faz parte, sendo que sua ação se processa de acordo com um modelo definido socialmente. Por estar socialmente delimitada, a modalidade fundamental na constituição desse simulacro é o dever. Esse dever é aceito pelo sujeito, que busca estar em conformidade com os valores de seu grupo. O dever torna-se, desse modo, equivalente ao seu querer, chegando a dar a impressão de ser auto-imposto, quando, na verdade, é socialmente determinado.

A elaboração desse simulacro tem como ponto de partida um estado inicial de espera, em que um sujeito de estado,  $S_1$ , crê no dever-fazer do sujeito-operador,  $S_2$ , para conjungi-lo ao objeto-valor. Além disso,  $S_1$  crê também no querer e no poder-fazer de  $S_2$ . Essa crença no /dever + querer + poder-fazer/ do sujeito-operador é que possibilita a elaboração do simulacro de um sujeito competente para o fazer. Como o sujeito-operador e o sujeito da espera estão em sincretismo, o /poder-fazer/ significa para ele um /poder-ser/.

Uma vez que o sujeito constrói um simulacro idealizado de si mesmo, projetando-se como um sujeito-operador competente, baseando-nos em L. Weermser (1981, p. 74-75), propomos a expressão "eu ideal" para designar esse simulacro.

Entretanto, deve-se notar que, do ponto de vista da existência "real" do sujeito, a modalidade fundamental diz respeito ao /poder-fazer/, que lhe é negado. Instaura-se, assim, o sujeito apaixonado, como o espaço do conflito entre o /querer/ e o /não-poder/, o que permite o desenvolvimento da paixão da vergonha.

## *2. 1 - O simulacro do "eu ideal"*

Segundo a definição que estamos analisando, o que gera a paixão da vergonha é a percepção que o sujeito tem de sua inferioridade, de sua indignidade, de sua humilhação diante de outrem.

A inferioridade indica "o estado do que é inferior", do latim *inferus*, colocado abaixo. Em uma classificação ou hierarquia, a inferioridade indica a qualidade do ser ou objeto que tem menor valor ou que ocupa um grau abaixo dos outros. A inferioridade comporta uma comparação, por intermédio da

qual se estabelece que o ser em questão caracteriza-se pelo “menos”, em oposição ao outro elemento da comparação, caracterizado pelo “mais”

A inferioridade pode referir-se à posição, força, valor e mérito, marcando sempre uma insuficiência. Na inferioridade, indica-se uma posição hierarquicamente abaixo dos outros membros do grupo, estabelecendo-se, portanto, uma desigualdade, que pode ser considerada homóloga à exclusão, uma vez que o sujeito é colocado em outro patamar em relação aos seus pares. A força, por sua vez, representa um “poder de ação”, quer do ponto de vista físico, quer espiritual (entendido como o que se refere ao universo não material). Se a força manifesta o poder, a inferioridade quanto à força representa o não-poder, ou impotência. Por fim, o valor são as qualidades que o sujeito possui, no domínio moral, intelectual ou profissional, representando “aquilo em que uma pessoa é digna de estima”. O valor constitui, desse modo, a base para que se receba uma vantagem ou sofra-se um inconveniente. Na inferioridade, percebe-se a ausência ou a deficiência do valor pessoal do sujeito.

De acordo com a definição de vergonha, o segundo elemento que gera tal paixão é a indignidade, que é a negação do mérito do sujeito, em consequência de opinião desfavorável a seu respeito. Como oposto da dignidade, a indignidade nega o direito ao respeito do outro e ao respeito de si mesmo. Uma vez que na indignidade não se reconhece o valor do sujeito, nega-se-lhe também o direito à consideração admirativa, o que o torna um provável alvo de censuras e críticas e de um tratamento sem deferências.

A vergonha nasce também da humilhação, ação que consiste em rebaixar alguém de modo ultrajante ou aviltante. Sinônimo de humilhar, *rebaixar* significa “fazer descer a um nível inferior”. Percebe-se no rebaixamento a ação de dois actantes: um sujeito operador, que exerce a ação de rebaixar, e um sujeito de estado, alvo do rebaixamento. Esses dois sujeitos podem estar em sincretismo ou não, o efeito é o mesmo. Esse rebaixamento implica diminuição do valor do sujeito, fazendo com que perca sua dignidade e sua honra.

Na seqüência: inferioridade / indignidade / humilhação, percebe-se que o que está em jogo é o questionamento do valor do sujeito, aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros. Dessa forma, o valor torna-se algo investido no sujeito, colocando-o como um objeto-valor num universo de trocas intersubjetivas, em que, em troca de seu valor pessoal, recebe a confirmação de seu poder, por meio de vantagens ou desvantagens.

Tomando-se os elementos que dão origem à vergonha e aplicando-se sobre eles o procedimento da contrariedade, é possível obterem-se os elementos constitutivos do simulacro idealizado do eu. Desse modo, obteremos a superioridade como contrário da inferioridade, a dignidade como oposta à indignidade e a exaltação como contrário da humilhação.

Pode-se, portanto, afirmar que o “eu ideal” comporta a /superioridade + dignidade + exaltação/, que representam a integridade do eu e possibilitam o respeito próprio e o respeito alheio.

## *2. 2 - O simulacro do “eu real falho”*

Por meio do simulacro idealizado, o sujeito apaixonado “projeta-se” como competente e vê-se em conjunção com as modalidades atualizantes do saber e do poder. Na verdade, ele é apenas um sujeito virtualizado para a performance, uma vez que está em conjunção unicamente com o dever e o querer. Essas modalidades virtualizantes permitem que se estabeleça um pacto entre o destinador, que espera a realização de uma dada performance e o que ele, enquanto destinatário, pretende cumprir, não importando se o destinador seja o grupo social, um sujeito externo qualquer, ou o próprio sujeito. As modalidades atualizantes são construídas por meio de simulacros, na imaginação do sujeito.

A competência é necessária para a realização da performance, mas pertence ao domínio do cognitivo e do não-visível; portanto, é incerta. Muitas vezes, ela nem é explicitada pelo texto, sendo, então, reconstituída por pressuposição, a partir da performance. Para os fins que temos em vista, diríamos que a performance “torna visível” a competência, confirmando-a ou negando sua existência.

Para que a paixão da vergonha possa desenvolver-se, é necessário que as modalidades atualizantes não sejam claramente afirmadas. Elas serão afirmadas pelo sujeito apaixonado, por meio do simulacro, mas deve pairar dúvidas acerca de sua existência.

A performance, entretanto, contraria a expectativa do sujeito, pois ele fracassa em sua realização. Esse fracasso traz à luz uma falha em sua competência, revelando o /não poder ser-fazer/. Dessa forma, a performance expõe à visão do outro uma imagem contrária à que o sujeito apaixonado quer expor de si mesmo, tornando-o alvo de prováveis críticas.

A performance é importante como um teste para pôr à prova a imagem do “eu ideal” em que o sujeito apaixonado acredita. De fato, é por meio dela que as modalidades atualizantes são confirmadas ou negadas e ela é que dá acesso à sanção, por meio da qual o /poder-ser/ do sujeito é reconhecido publicamente. Entretanto, a performance não precisa, necessariamente, acontecer. Basta que o sujeito imagine-se realizando-a e suponha seu fracasso para que surja a oportunidade para desenvolver-se a paixão da vergonha.

Diante do fracasso ou possível fracasso da performance, o sujeito vê-se forçado a elaborar uma nova imagem de si mesmo. Essa nova imagem é construída a partir de uma saber que o sujeito adquire acerca de sua competência. Agora ele não é mais modalizado segundo o crer, mas é o sujeito do /saber não poder ser-fazer/. Propomos a denominação “eu real falho” para designar essa nova imagem, pois manifesta uma carência.

Na paixão da vergonha, constata-se que realmente existe um intrincado entrelaçamento entre o programa narrativo do sujeito e seu percurso passional. A começar pela manipulação, que o instaura como sujeito do dever. Ela vai de encontro à modulação de abertura, que constitui o fundamento de seu universo passional, tornando-o acessível à opinião alheia. Desse modo, o sujeito assume o dever como sendo seu próprio querer. Em seguida, na fase da competência, o sujeito apaixonado atua como destinador de sua própria competência, atribuindo-se o saber e o poder, por meio do simulacro do “eu ideal”. Esse simulacro apóia-se firmemente no /querer-ser/ do sujeito, já que é como quer ser visto. Ela faz parte de seu universo passional e não de sua realidade como sujeito narrativo. Por fim, a performance processa uma mudança na disposição passional do sujeito, que elabora um novo simulacro de si mesmo.

Segundo análise efetuada até o momento, a paixão da vergonha pode ser provisoriamente assim sintetizada:

### Quadro-síntese do Percurso Passional do Sujeito da Vergonha

PN	Manipulação		Competência	Perfórmance
	Dever ser / fazer		saber / poder ser- fazer	Fracasso
PP	Modulação	Querer	<b>Eu Ideal</b>	<b>Eu Real Falho</b>
	De abertura	ser / fazer	Como quer ser visto	Como é visto
	S. do dever		S. do crer	S do saber não
	S.do querer		S. do querer ser	poder ser / S. do querer ser

S. virtualizado →

S. atualizado segundo o crer → S. virtualizado

### 3 - A SANÇÃO

Na sanção, avaliam-se as transformações efetuadas e emite-se uma opinião sobre o ser do sujeito responsável por elas. A etapa da sanção é fundamental para a manifestação da paixão da vergonha. De fato, o sujeito apaixonado sente sua inferioridade, sua indignidade, sua humilhação “diante de outrem”. É a consciência de estar sendo observado e julgado em seu fazer que sensibiliza o sujeito, predispondo-o ao surgimento da vergonha.

Constata-se, desse modo, que a vergonha é uma paixão intersubjetiva, na qual um dos sujeitos é o sujeito apaixonado e o outro é o sujeito-observador, que vai emitir uma opinião acerca do ser do primeiro.

A relação que se estabelece entre esses dois sujeitos é de comunicação, na qual o conteúdo comunicado é o próprio ser do sujeito. Essa comunicação concretiza-se por meio da exposição e percepção da imagem manifestada pela perfórmance. Por isso, o componente visual da paixão da vergonha deve ser destacado.

O sujeito-observador pode estar em sincretismo com o sujeito apaixonado ou não. Quando não está em sincretismo, assume a forma das “autoridades da conduta humana”, representantes do sistema de regras e normas vigentes na sociedade, que podem-se denominar a “opinião pública” ou o “olho do outro”.

De qualquer modo, esteja em sincretismo ou não, para que a paixão da vergonha possa desenvolver-se, é necessário que a opinião do sujeito-observador seja assumida como válida pelo sujeito apaixonado. Assim sendo, para que a vergonha se manifeste, a comparação da imagem ideal com a imagem falha deve ser feita pelo próprio sujeito apaixonado, para que seu estado patêmico seja afetado.

Na vergonha, a avaliação da performance estabelece o não cumprimento do contrato, que, para o observador externo, significa a não-conformidade com o modelo social, e, para o sujeito apaixonado, significa a não-conformidade com o “eu ideal”. Em consequência da constatação da não-conformidade, emite-se uma opinião desfavorável acerca do sujeito.

A opinião desfavorável pode manifestar-se por gestos, palavras ou até punições físicas, que significam crítica, censura ou reprovação, tornando pública a sanção negativa ao ser / fazer do sujeito.

#### 4 - A PATEMIZAÇÃO E A EMOÇÃO

A vergonha é explicada como “rebaixamento na opinião dos outros”. Como vimos, na vergonha, a opinião que se exprime a respeito do sujeito é desfavorável e expressa a não conformidade às expectativas. O rebaixamento na opinião alheia nega a característica básica do “eu ideal”, que é a superioridade, tornando o sujeito passível de exclusão do grupo. De fato, por pouco tempo que seja, o sujeito envergonhado sente-se excluído do todo. A emoção suscitada pela opinião desfavorável, pela reprovação ou pela rejeição é disfórica. Por isso, é a vergonha definida como “sentimento penoso”.

Como sentimento penoso, a vergonha diz respeito ao estado disfórico do sujeito, resultante da insatisfação de uma tendência ou necessidade. No caso da vergonha, a necessidade do sujeito não atendida é de ordem moral, estando, por isso, relacionada a “costumes, hábitos e regras de conduta admitidas e praticadas em uma sociedade”.

O sujeito da vergonha é constituído na intersubjetividade, é aquele que está “diante de outro”. Na verdade, poderia ser chamado um “sujeito para o outro”, tomando-se o termo *sujeito* em seu sentido etimológico de “aquele que está lançado diante de outro”. Como sujeito “para o outro”, ele aceita os costumes, hábitos e as regras de conduta do grupo de que faz parte e estabelece-as como normas para si mesmo. Para ser aceito como parte desse

grupo, tem necessidade de agir em conformidade com seus padrões e obter a confirmação de seus pares.

A não confirmação coloca-o, mesmo que momentaneamente, fora desse grupo, ameaçando-o com a perda da identidade comum. Essa separação do grupo é expressa como desdém, o que é evitado pelo sujeito apaixonado.

O sujeito da vergonha, apesar de consciente de seu “eu real falho”, em nenhum momento desfaz-se de seu “eu ideal” para assumir o “eu real falho”. Caso o fizesse, ter-se-ia uma perda da auto-estima e não o sentimento de vergonha. A paixão da vergonha existe justamente porque o sujeito não abandona seu “eu ideal”, aquela imagem que ele quer ter e expor de si mesmo. É exatamente essa permanência do /querer/ que suscita nele o desejo de ocultar, de algum modo, a falha em sua competência. Esse desejo de ocultação vai ser expresso no discurso por meio de figuras como o desejo de desaparecer dentro da terra, desejo de voar para regiões distantes ou, em casos de vergonha extrema, pelo desejo de suicídio, que é a recusa máxima da imperfeição e do fracasso.

## **5 - A VERGONHA, PRIMEIRA ABORDAGEM: CONCLUSÃO**

O dicionário conclui a definição da vergonha sintetizando-a como “sentimento de desonra”, que poderíamos glosar como sentimento de perda da honra.

Entendida como sentimento, a honra consiste no sentimento de “merecer a consideração, de guardar o direito a sua própria estima”. A consideração e a estima são sinônimas, significando um “sentimento favorável nascido da boa opinião que se tem do mérito, do valor de alguém”. A honra consiste, portanto, na confirmação da competência do sujeito, reconhecendo seu poder/saber ser-fazer.

Para J. Pitt-Rivers (1986, p. 503). o reconhecimento do mérito expressa-se por meio da “honra concedida”. Esta reflete os valores do grupo, com os quais o sujeito se identifica.

A honra pode ser manifestada por meio de expressões de respeito, por insígnias honoríficas, pelo modo de tratamento, pelos títulos concedidos, por recompensas, etc, que manifestam a deferência.

A desonra, sendo o inverso da honra, manifesta-se como privação do respeito, perda do direito à precedência, rejeição das exigências de reconhecimento do mérito pessoal. Por isso, inspira doloroso sentimento de vergonha.

## II - A VERGONHA - SEGUNDA ABORDAGEM

Uma outra definição apresentada pelo *Petit Robert* explica a vergonha como um “sentimento de embaraço experimentado por escrúpulo de consciência, timidez, modéstia, etc”. Como nesse caso a vergonha é definida como sentimento de embaraço, começaremos nossa análise a partir daí.

A definição de vergonha, que a considera “um sentimento de embaraço experimentado por escrúpulo de consciência, timidez, modéstia...” pode ser completada pela análise da definição de embaraço, que é uma “impressão desagradável que uma pessoa experimenta diante de alguém quando se sente constrangida”.

O embaraço consiste numa sensação de mal-estar, decorrente de um obstáculo à realização da ação. Constitui um /não-poder-fazer/, que se acha em oposição com as modalidades do /dever + querer-fazer/.

A definição de embaraço acrescenta o elemento da intersubjetividade, que não está expressamente estabelecido na definição da vergonha ora em estudo. O acréscimo da intersubjetividade faz notar a presença de um sujeito-observador. Estabelece também o estado tensivo do sujeito de estado, uma vez que se trata de um sentimento disfórico de um sujeito constrangido. O constrangimento implica uma perturbação, que se manifesta por meio de embaraço (não-poder-fazer) e coerção (dever-fazer contrário ao querer do sujeito).

Apenas a partir da análise do embaraço foi possível estabelecer a intersubjetividade. Desse modo, percebe-se que, embora a presença do outro seja pressuposta pelo conceito de vergonha em análise, ela parece não constituir seu elemento principal. Nossa hipótese é a de que o fator fundamental para a manifestação desse tipo de vergonha pode estar relacionado a uma insuficiência existente na constituição do próprio sujeito, afetando as modalidades que compõem sua competência, enquanto sujeito operador. O sujeito tem consciência dessa insuficiência, que se manifesta por um /saber não poder/ ou simplesmente por um /crer não poder/, e isso o afeta tensivamente.

A definição fornecida pelo dicionário atribui o sentimento de embaraço característico da vergonha ao escrúpulo de consciência, à timidez e à modéstia. Observa-se no escrúpulo um conflito entre o /dever-fazer/, imposto pela consciência exigente, e a hesitação do sujeito, que o impede de assumir seu próprio querer, permanecendo indeciso entre o /querer/ e /não-querer/ e dessa indecisão resulta o /não-poder/. No que diz respeito à timidez, verifica-se a existência de falta de desembaraço e segurança. A falta de desembaraço está ancorada no /não-poder-fazer/, enquanto a falta de segurança revela o /crer-não-poder-fazer/, que acentua a falta característica da timidez: o sujeito /não-pode-fazer/ e /crê-não-poder-fazer/, o que tolhe sua iniciativa e ousadia. Quanto à modéstia, que consiste na moderação relativa à auto-apreciação, será problemática apenas quando a apreciação der origem a um simulacro de um sujeito operador não competente para a ação, em decorrência da diminuição excessiva de sua competência, traduzindo-a como um /não-poder-fazer/.

### **A PAIXÃO DA VERGONHA: SÍNTESE DAS DUAS DEFINIÇÕES**

A análise da primeira definição do termo **vergonha** como “sentimento penoso de inferioridade, de indignidade ou de humilhação diante de outrem, de rebaixamento na opinião dos outros (sentimento de desonra)”, colocou em evidência o caráter visual da vergonha, em que um sujeito elabora simulacros de si mesmo, que revelam de que forma ele quer ou não quer ser visto.

Tais simulacros foram denominados de “eu ideal” e estruturam-se a partir do querer do sujeito, que está em sintonia com um dever coletivo. Assim sendo, essa imagem idealizada do sujeito reflete a imagem ideal de um membro do grupo social.

Ao programar seu comportamento segundo essa imagem idealizada, o sujeito visa a ser reconhecido como um membro do grupo em conformidade com os padrões vigentes em seu meio social, o que revela a existência de um contrato entre o destinador social e o destinatário.

O sujeito apaixonado, que está em sincretismo com o sujeito operador, crê poder realizar sua performance de modo a cumprir seu dever. O fracasso da performance, entretanto, leva-o ao /saber-não-poder/ e dá ensejo à elaboração de um novo simulacro, do “eu real falho”.

A comparação do simulacro do “eu ideal” com o simulacro do “eu real falho” é um elemento imprescindível para o surgimento da paixão da vergonha. Essa comparação assenta-se no conflito, no nível das modalidades, entre o /dever-fazer/ e o /querer-ser/ admirado, por um lado, e o /saber-não-poder-ser-fazer/, de outro. O saber do sujeito apaixonado acerca do /não-poder-ser/, acrescido pelo /saber/ que o outro sabe suscita a sensação disfórica característica da paixão da vergonha. A permanência do /querer-ser/ em conflito com o /saber-não-poder-ser/ constitui o último elemento essencial da seqüência desencadeadora da paixão da vergonha.

Em relação à segunda definição, que considera a vergonha um “sentimento de embaraço experimentado por escrúpulo de consciência, timidez, modéstia...”, a análise mostra que o /não-poder-fazer/ está na base do escrúpulo, da timidez e da modéstia. O elemento fundamental nessa definição é o termo **embaraço**, que manifesta tanto a modalidade do /não-poder-fazer/ quanto nos remete à sensação disfórica do sujeito. Esta evidencia que a modalidade do /não-poder-fazer/ está em oposição ao /dever-fazer/ e ao /querer-ser/ do sujeito.

A análise da estrutura modal revela que subjaz às duas definições dadas pelo *P. Robert* o mesmo conflito de modalidades, que se estabelece entre as modalidades do /dever + querer-ser-fazer/ e a modalidade do /não-poder-ser-fazer/. Portanto, não se verificou diferença, no que diz respeito à modalização, nas duas acepções de vergonha. Em relação à patemização, também não há diferença, uma vez que, em ambas as acepções, a constituição tímica do sujeito é afetada disforicamente. Assim sendo, a paixão que afeta o sujeito parece ser idêntica nos dois casos, uma vez que se trata de um sentimento disfórico resultante da consciência que o sujeito tem de sua limitação diante de outros.

Nota-se, entretanto, em cada uma das acepções, uma diferença de enfoque, no que se refere ao percurso narrativo do sujeito. A primeira definição parece privilegiar a relação **performance/ sanção**, que torna manifesta ao sujeito a incongruência entre o /querer-ser/ e o /não-poder-ser/. A segunda parece pôr em evidência uma limitação na competência do sujeito, que dificulta a realização da performance, o que nos faz supor a existência de duas paixões da vergonha. Uma delas, que seria posterior ao ato, surge em decorrência de uma sanção negativa ou simplesmente da imaginação de sua possibilidade. A outra, anterior ao ato, chega mesmo a dificultar a ação, pois relaciona-se à consciência do sujeito de possível limitação em sua competência.

## CONCLUSÃO

Para que o discurso possa criar o efeito de sentido da vergonha, é preciso observarem-se determinados elementos da dimensão pragmática e cognitiva do texto, característicos do nível sêmio-narrativo. Esses elementos são equivalentes às fases do desenvolvimento de um programa narrativo canônico. Além disso, é preciso que exista também uma dimensão tímica autônoma, que isole o funcionamento propriamente passional dos actantes.

A reunião desses componentes sêmio-narrativos e passionais constitui um simulacro estereotipado, elaborado socialmente, que comporta os elementos que devem atuar conjuntamente para que se desenvolva a paixão da vergonha.

No nível sêmio-narrativo, destacamos primeiramente o elemento **persuasório**, corresponde à fase da manipulação. É constituído pelas crenças, valores, normas, proibições, etc., válidas para o grupo. Ele assenta-se nas modalidades deônticas, pois determina o /dever/ ou o /não-dever/ prescritos para determinadas situações.

Após a manipulação, é preciso que se estabeleça um **contrato** entre destinador / destinatário, para a aceitação dos valores propostos. Dessa forma, o dever-ser/fazer, transforma-se em querer-ser/fazer. Nesse momento, instaura-se o desejo de conformidade aos valores do grupo ou rejeita-se a conformidade.

Do ponto de vista da **modalização**, o sujeito que aceitou a manipulação do destinador é um sujeito em conjunção com as modalidades virtualizantes do /dever/ e do /querer/.

Entretanto, as modalidades atualizantes do /poder/ ou do /saber/ são-lhe negadas. Portanto, esse sujeito é modalizado segundo o /não-poder/ ou o /não-saber/.

A **falha na competência** não permite a realização da performance ou sua realização é inadequada. Não é necessário, contudo, que a performance seja efetuada. Basta que a falha na competência seja constatada para que o sujeito seja acessível à vergonha.

Em estreita correlação com a etapa persuasória, está a fase de **sanção** das ações realizadas, que incide também sobre o ser do sujeito. A não-conformidade a certos padrões de comportamento socialmente valorizados e desejáveis desencadeiam sanções cognitivas negativas. Na sanção, avaliam-se as transformações efetuadas e emite-se uma opinião sobre o ser do sujeito

responsável por elas. A etapa da sanção é fundamental para a manifestação da paixão da vergonha.

Constata-se, desse modo, que a vergonha é uma paixão intersubjetiva, na qual um dos sujeitos é o sujeito apaixonado e o outro é o destinador-julgador, que vai emitir uma opinião acerca do ser do primeiro.

Dando início à sensibilização, a modalização do sujeito segundo o /querer/ permite-lhe desenvolver um simulacro de si mesmo, segundo o qual ele se vê como competente para realizar a performance.

A elaboração desse simulacro tem como ponto de partida um estado inicial de espera, em que um sujeito de estado,  $S_1$ , crê no dever-fazer do sujeito-operador,  $S_2$ , para conjungi-lo ao objeto-valor. Além disso,  $S_1$  crê também no querer e no poder-fazer de  $S_2$ . Essa crença no /dever + querer + poder-fazer/ do sujeito-operador é que possibilita a elaboração de um simulacro do sujeito do fazer. Como o sujeito-operador e o sujeito da espera estão em sincretismo, o /poder-fazer/ significa para ele o /poder-ser/. Uma vez que o sujeito constrói um simulacro idealizado de si mesmo, projetando-se como um sujeito-operador competente, propomos a expressão “eu ideal” para designar esse simulacro.

Tomando-se os elementos que dão origem à vergonha, que são a percepção que o sujeito tem de sua inferioridade, sua indignidade e de sua humilhação diante de outrem e empregando-se sobre eles o procedimento da contrariedade, é possível obterem-se os elementos constitutivos do simulacro idealizado do eu. Desse modo, pode-se dizer que o “eu ideal” comporta a /superioridade + reconhecimento da dignidade + exaltação/, que representam a integridade do eu e possibilitam o respeito próprio e o alheio.

A performance, entretanto, contraria a expectativa do sujeito, pois ele fracassa em sua realização. Esse fracasso traz à luz uma falha em sua competência, revelando o /não poder ser-fazer/. Dessa forma, a performance expõe à visão do outro uma imagem contrária à que o sujeito apaixonado quer expor de si mesmo, tornando-o alvo de prováveis críticas.

Diante do fracasso ou possível fracasso da performance, o sujeito vê-se forçado a elaborar uma nova imagem de si mesmo. Essa nova imagem é construída a partir de uma saber que o sujeito adquire acerca de sua competência. Agora ele não é mais modalizado segundo o crer, mas é o sujeito do /saber não poder ser-fazer/. Propomos a denominação “eu real falho” para designar essa nova imagem, pois manifesta uma carência.

O fracasso da performance dá início a uma nova etapa da sensibilização, que é a patemização, que consiste propriamente na transformação tímica. Esse fracasso revela ao sujeito apaixonado o /não-poder-fazer/, que suscita o sentimento disfórico, apontado na definição do dicionário como “sentimento penoso”.

A fase final da sensibilização é a emoção, resultante da patemização e que se exprime por meio de comportamentos observáveis. Na vergonha, a emoção é disfórica e manifesta-se por meio de expressões corporais, como o rubor, a gestualidade, que vai desde a ação de desviar os olhos ou de volver o rosto à manifestação de desejos de esconder-se na terra ou de voar para regiões distantes. Uma manifestação extrema do desejo de fuga é o suicídio.

Após a sensibilização, tem-se a moralização, uma operação pela qual uma cultura relaciona um dispositivo sensibilizado a uma norma, concebida para regular a comunicação passional em uma dada comunidade. A moralização é uma dimensão autônoma do discurso. Ela instaura um actante-observador, responsável pelo julgamento, que emite opiniões acerca não do fazer ou do ser, que é da competência do destinador-julgador, mas exerce-se em relação a uma maneira de fazer ou de ser. Ela intervém no final da seqüência e consiste num julgamento ético, por isso incide sobre os papéis éticos, que são independentes dos papéis modais, dos papéis patêmicos e dos papéis temáticos.

### Referências bibliográficas

- GREIMAS, A. J. De la colère: étude de sémantique lexicale. *Actes sémiotiques, documents*, v. 3, n. 27, 1981.
- GREIMAS, A. J., FONTANILLE, J. . *Sémiotique des passions. Des états des choses aux états d'âme*. Paris: Éditions du Seuil, 1991, 336 p.
- LÓTMAN, I. M. Semiótica dos conceitos de 'Vergonha' e 'Medo'. In: LÓTMAN, I. M. *et al. Ensaio de Semiótica Soviética*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981, p. 237-240.
- PITT-RIVERS, J. Honor. In: SILLS, D. L. (ed.) *International Encyclopedia of the Social Sciences*. New York: The Macmillan Company, 1986, p. 503-511.
- WEERMSEER, L. *The mask of shame*. London: The Johns Hopkins Press, 1981.

---

**Bibliografia consultada**

- FIORIN, J. L. Algumas considerações sobre o medo e a vergonha. *Cruzeiro Semiótico. Caminhos e Desvios da Semiótica no Brasil*. (Porto), Associação Portuguesa de Semiótica, 1992, n° 16, p. 55-63.
- GAUTHERON, M. (coord.). *L' honneur. Image de soi et don de soi. Un ideal équivoque*. Paris: Éditions Autrement, 1991.
- HARRÉ, R. (coord.). *The social construction of emotions*. Great Britain: Basil Blackwell, 1988.
- HELLER, A. The power of shame. *Dialectical anthropology*, 06, 03, 1982, p. 215-228.
- PERISTIANY, J. G. *Honour and shame. The values of mediterranean society*. Chicago: The University Press, 1966.
- ROSA, Edvanda Bonavina da. *As Paixões do medo e da vergonha em três peças de Eurípidas: Hipólito, Hécuba e Andrômaca*. São Paulo: USP, 1996 (Tese de Doutorado).
- SCHEFF, T. J. Shame and conformity: a deference emotion system. *American Sociological Review*, vol. 52, 1988, p. 395-406.